

Université Laval, Quebec, Canadá.

Doutorando em Antropologia  
Université Laval, Quebec, Canadá.

Mestranda em Antropologia  
Université Laval, Quebec, Canadá.

FRÉDÉRIC LAUGRAND  
EMMANUEL LUCE  
ANTHONY MELANSON

## OS POSSUÍDOS E SEUS MUNDOS: (AUTO)BIOGRAFIAS VISUAIS EM UMA TRIBO DIFERENTE DAS DEMAIS

### RESUMO

Lançado em 2014 pela Revista *Anthropologie et Sociétés*, a série *Les Possédés et leur mondes* (Os Possuídos e seus mundos) é um projeto antropológico em andamento, focado na preservação, valorização e difusão da socioantropologia canadense. A série privilegia a abordagem (auto) biográfica e se volta à memória de professores-pesquisadores do Canadá que publicaram na revista *Anthropologie et Sociétés*. Os autores a situam dentro de outros projetos relacionados e apresentam em seguida a sua especificidade, objetivos, dispositivos técnicos, primeiras realizações concretas, contribuição à reflexão antropológica e à história intelectual, seus limites e desafios.

*A Pierre Maranda, Michel Perrin, Jack Goody e Terry Turner*

#### palavras-chave

(Auto)biografias visuais;  
Memórias; Transmissão  
de saberes; Professores  
de antropologia;  
Socioantropologia; Revista  
*Anthropologie et Sociétés*;  
Polifonia.

Once one thinks about the idea, it may seem strange that anthropologists have devoted so much energy to investigating other people's tribes (including filming them), and so little time on their own. When the 'ancestors' are encouraged to talk, they do so with a

frankness and insight which it is a pleasure to be involved in preserving. (Marcfarlane 2004)<sup>1</sup>

## 1 INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

O projeto *Os Possuídos e seus mundos* nasceu no outono de 2014, logo após a tomada de consciência de que toda uma geração de professores(as)-pesquisadores(as), que fundou as ciências sociais em Quebec e contribuiu amplamente para a vida intelectual e material da revista *Anthropologie et Sociétés*, havia se aposentado. A situação parecia ainda mais preocupante pelo fato de Bernard Arcand, estimado colega e responsável durante muito tempo pela antropologia visual no Departamento de Antropologia da Universidade Laval, ter falecido prematuramente. Sua morte foi seguida, três anos mais tarde, pela de Marc-Adéland Tremblay, um dos fundadores, com Yvan Breton, do departamento em questão.<sup>3</sup>

A partir daquele momento, uma questão crucial se colocava: quais heranças e quais imagens esses colegas, que pertencem à primeiríssima geração de antropólogos de Quebec, deixariam às gerações mais jovens? Dever-se-iam contentar com sua produção escrita (livros, artigos etc.)? Seriam elas suficientes? E, se não nos resignássemos com isso, como valorizar a memória e os trabalhos desses colegas? Como entender sua trajetória? Todos os pesquisadores sabem disso, os artigos e livros permanecem pouco eloquentes quanto às experiências pessoal e de campo, bem como às dificuldades e acasos da existência, muitos elementos que permitem, não obstante, uma melhor compreensão da trajetória intelectual de um pesquisador, suas escolhas, suas mudanças de orientação, o desenrolar de seus interesses e de projetos em contextos comumente ignorados.

---

1. Uma vez que se pensa na ideia, pode parecer estranho que antropólogos tenham devotado tamanha energia à investigação de tribos de outras populações (inclusive filmando-as) e tão pouco às suas próprias. Quando os 'ancestrais' são incentivados a falar, o fazem com uma franqueza e propriedade com cuja preservação nos dá prazer de se envolver (Marcfarlane 2004, tradução nossa). <http://www.alanmacfarlane.com/TEXTS/ancestors.pdf>. Acessado em 16 de março de 2017.

2. Expressimos nossos agradecimentos a todos e todas que jogaram o jogo dos *Possuídos* e nossa gratidão às pessoas que souberam nos aconselhar e incentivar nessa empreitada, em particular a Robert Crépeau, Andrée Fortin, Roberte Hamayon, Joseph Lévy, Marie Mauzé, Olivier e Paul Servais, Sylvie Poirier e Francine Saillant.

3. O verão de 2015 revelou-se ainda mais fatal. No momento da escrita desse texto, chegou-nos a notícia do falecimento súbito de nosso amigo e colega Pierre Maranda, em 5 de julho de 2015. O falecimento de Jack Goody ocorreu alguns dias mais tarde, 16 de julho, o de Michel Perrin, em 14 de agosto, e o de Terence Turner em 7 de novembro.

Ademais, como tornar a Antropologia mais visível e acessível ao grande público? Como preservar sua memória e tornar mais fluida a transmissão de saberes e experiências daquela primeira geração de antropólogos do Quebec?

Neste artigo, examinaremos, primeiramente, de forma breve, a escolha de uma abordagem (auto) biográfica e visual, pensada como complementar aos escritos deixados pelos antropólogos. Situaremos, em seguida, a série *Os Possuídos e seus Mundos* na continuidade de várias outras empreitadas audiovisuais do mesmo gênero que tenham sido concebidas na Europa e América do Norte. Explicaremos, por fim, o dispositivo técnico que embasa a originalidade do projeto, examinando seus primeiros resultados e limites.

## 2 A ESCOLHA DO VISUAL, DA ABORDAGEM BIOGRÁFICA E DO DEPOIMENTO

A ideia de optar pela captação visual em detrimento da coleta de novos textos mostrava-se pertinente em mais de um caso. De um lado, esse procedimento permite conservar uma imagem em movimento e mais completa dos pesquisadores que foram os atores e testemunhas do nascimento das ciências sociais no Quebec. Por outro lado, as narrações coletadas complementam a produção escrita – a aposta é que os espectadores consultem ou releiam os artigos dos participantes entrevistados. Vale dizer que, apesar de as gerações mais jovens de estudantes lerem menos, elas consomem mais imagens.

Isso nos revelava que vários depoimentos poderiam suscitar interesse didático, fornecendo conteúdo para cursos presenciais e a distância.

Criadas com a vida dos santos, então com as célebres *Confissões de Santo Agostinho*, a biografia e a autobiografia tiveram evolução complexa. Ora emprestados a certas épocas, ora desacreditados e rejeitados em outras, esses formatos ocupam ainda um lugar privilegiado nas metodologias de ciências humanas e sociais.

A abordagem (auto)biográfica foi desenvolvida por antropólogos e sociólogos, em particular os da escola de Chicago, desde os anos 1920. A onda estruturalista a criticou severamente, mas retomou sua reputação, em particular com os pesquisadores que trabalham com sociedades indígenas. Numerosos especialistas, como Julie Cruikshank (1990) e François Trudel (2002), para citar apenas dois exemplos recentes no Canadá, demonstraram os méritos desse gênero. Para Frédéric Laugrand, que a desenvolveu também entre os Inuit do norte canadense, não há nenhuma dúvida quanto a sua pertinência e as suas vantagens. Trata-se, em

suma, de recolocar a fala, a narrativa e o sujeito no centro da pesquisa, não com o objetivo de fazer emergir a verdade, mas *verdades* e pontos de vista, levando-se em conta que aqui as experiências e narrações emergem ao mesmo tempo, individual e mutuamente, ao se inscreverem em uma mesma unidade de tempo. No que diz respeito aos *Possuídos*, tais narrações revelam parte da memória coletiva produzida pelos antropólogos que trabalharam em diferentes regiões do mundo, com base em cargos que ocuparam no Canadá.

Evidentemente, é quase impossível reconstituir aqui a epistemologia das narrativas de vida, descrever suas múltiplas modalidades (biografia, autobiografia, história/narrativa de vida etc.) ou identificar seus méritos e inconvenientes. Excelentes obras e artigos foram dedicados a essa questão, tanto na Filosofia (Ricoeur 1983, 1985 e 1990) quanto na Sociologia e Antropologia (Peneff 1990, 1994; Bertaux 1976, 2005; Bloch 1995; De Villers 2011), ou ainda na história (Le Goff 1989; Levi 1989) e na psicoeducação (Pineau 1993; Leahey e Yelle 2003; Kaufmann 2004; Delory-Momberger 2005; Lainé 2007).

Lembremo-nos de que tanto mais a abordagem biográfica devolve ao ator social todas as suas margens de manobra, valorizando seu papel (ver Ginzburg 1988, por exemplo), tanto mais a história de vida tende a unificar um percurso, conferindo-lhe uma coerência e lógica que nem sempre existem no momento da ação (ver também Passeron 1989).

No artigo *A ilusão biográfica*, Pierre Bourdieu (1986, 2) afirma que esse processo narrativo remonta à ideologia da própria vida e pede que reintroduzamos o seu contexto. Contudo, tais críticas devem ser relativizadas, uma vez que essas mesmas censuras podem ser direcionadas a trabalhos realizados por biógrafos externos e, finalmente, a todo analista.

A equipe da série *Os Possuídos*, desde o início, privilegiou o testemunho e a escuta, a fim de conferir toda a liberdade ao narrador na escolha do formato e conteúdo de sua narrativa.<sup>4</sup> Assim, se o entrevistador oferece um contexto e um conjunto de perguntas, o entrevistado o explora como desejar. Trata-se, então, de fazer emergir a fala e de evitar, da parte do

---

4. Projetos que empregam uma abordagem similar foram concebidos em diversas universidades europeias, como a Universidade de Louvain (UCL), na Bélgica, onde um importante projeto denominado *Conversações* é centrado, por sua vez, nas memórias de todos os atores universitários (reitores, professores, funcionários etc.). Lançado por Albert d'Aenens, em 1986, e conduzido desde 1999 pelo professor de história Paul Servais, o projeto conta hoje com cerca de 80 gravações recolhidas sob o selo da confidencialidade, intencionalmente não transcritos e lacrados pelos 30 próximos anos para proteger seus narradores (ver Hiraux 2004 e Deschamps 2009). Agradecemos a Paul Servais por ter trazido a nosso conhecimento esse projeto.

entrevistador, a postura de um procurador, compatível com aquele descrito por Françoise Hiraux (2004) no projeto Conversations da UCL:

O convidado dá seu testemunho e quem registra escuta. O depoimento resulta de uma vontade e do aceite de relatar. Ele tem toda a carga afetiva, mas também antropológica, de doação. As pessoas entrevistadas doam sua palavra, sua lembrança, sua interpretação, seu sentimento para um projeto (...) com o qual consentem. O processo da arquivista, por sua vez, é de escuta e não de investigação. Ela vai ao encontro de pessoas, não de tipos; ela se prende aos indivíduos mais do que ao ator coletivo e prefere a face à figura.

Assim, a série *Os Possuídos* estabeleceu uma abordagem baseada na escuta, a qual objetivou principalmente reunir as narrativas dos antropólogos, sociólogos, geógrafos e historiados que, graças as suas contribuições, produziram o conjunto da revista *Anthropologie et Sociétés*.

Ao fim da primeira etapa, que permitiu recolher cerca de 30 narrativas autobiográficas, totalizando aproximadamente 150 horas de gravação (ver Quadro 1), a equipe estava muito satisfeita por ter confiado em participantes que executaram seus papéis com talento, introduzindo seus espectadores nesse vasto “teatro da vida” dos socioantropólogos, para retomar a expressão de Goffman (1973). Observadores criteriosos da sociedade, os participantes se colocam em cena e relatam, fornecendo um rico e fascinante material para a história das ideias e, assim, revelam sua trajetória intelectual. Rapidamente, descobrimos os relatos se revelavam ainda mais ao serem colocados uns em relação aos outros, oferecendo uma paisagem intelectual das suas escolas dominantes e de suas especificidades.

Essa pluralidade de narrações, representações e interpretações é um dos elementos que constitui a riqueza da série, possibilitando uma espécie de polifonia antropológica.

Longe de ser único, esse projeto se inscreve em uma tomada biográfica e memorial muito mais vasta, no esfriamento das sociedades *quentes*, como observava Lévi-Strauss (1998), interrogando-se sobre as paixões contemporâneas que sentimos pelos depoimentos, histórias locais e patrimônios materiais e imateriais. Assim, tais sequências fílmicas se inscrevem no atual desenvolvimento das ciências humanas, das mentalidades, na paixão biográfica que motiva as sociedades ocidentais e que os historiadores sabem muito bem explorar.

### 3 MEMÓRIAS DE ANTROPÓLOGOS: ALGUMAS REALIZAÇÕES EM ANTROPOLOGIA VISUAL

No decorrer das últimas décadas, diversos projetos similares à série *Os Possuídos* foram concebidos na Europa e nas Américas.

A empreitada mais antiga e significativa foi a dirigida pelo professor e antropólogo Alan Macfarlane, na Grã-Bretanha. Intitulado *Interviews with Anthropologists*, tal projeto se encontra no site da Universidade de Cambridge, situado no âmbito do *World Oral Literature Project*, dentro da série *Films Interviews with Leading Thinkers*.<sup>5</sup> As entrevistas foram realizadas com antropólogos de todo o mundo, sobretudo com britânicos e norte-americanos, entre 1976 e 2015. Mais de 225 filmes e entrevistas estão hoje disponíveis,<sup>6</sup> e não se restringem aos antropólogos. Macfarlane descreve assim seu projeto:

As entrevistas foram iniciadas por Jack Goody em 1982. Ele providenciou as filmagens de seminários de Audrey Richards, Meyer Fortes e M. N. Srinivas. Desde então, com a ajuda de outras pessoas, e particularmente de Sarah Harrison, filmei e editei mais de noventa arquivos de entrevista. Tendo começado com os principais antropólogos, meus temas se ampliaram para incluir outros cientistas sociais e, recentemente, biólogos e físicos.<sup>7</sup>

Tecnicamente, o projeto evoluiu. A equipe foi igualmente apoiada por várias instituições, o que lhe permitiu adotar uma abordagem bem aberta e de transcrever as entrevistas (ver Macfarlane 2004). Em uma entrevista concedida em fevereiro de 2014 a Hunter Snyder no Youtube, o próprio Macfarlane se prestou ao jogo biográfico. Vários antropólogos reconhecidos figuram na lista: Frederik Barth, John Beattie, Maurice Bloch, Jean e John Comaroff, Philippe Descola, Mary Douglas, Raymond Firth, Meyer Fortes, Clifford Geertz, Ernest Gellner, Jack Goody, Stephen-Hugh Jones, Edmund Leach, Lucy Mair, Sidney Mintz, Rodney Needham, David Parkin, Jonathan Parry, Paul Rabinow, Peter Riviere, Marilyn Strathern, Stanley Tambiah, Terry Turner, Roy Wagner e Peter Worsley, para citar apenas alguns.

5. Disponível em <<http://www.oralliterature.org/collections/amacfarlane001.html>>.

6. Disponível em <<http://www.alanmacfarlane.com/ancestors/audiovisual.html>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

7. <http://www.alanmacfarlane.com/TEXTS/ancestors.pdf>. Acessado em 16 de março de 2017 e <http://www.alanmacfarlane.com/ancestors/audiovisual.html>. Acessado em 31 de julho de 2015.

Ao menos dois antropólogos canadenses foram entrevistados nessa série: Robert Paine, especialista de Labrador, e um antropólogo outrora da Universidade de Montreal, Asen Balikci, pesquisador da antropologia visual no Canadá, conhecido por sua esplêndida série visual sobre os Inuit Netsilik. Vários fundadores da antropologia visual norte-americana, como Karl Heider e Paul Hockings, figuram igualmente entre os entrevistados.

As gravações são de boa qualidade e acessíveis para download em diversos formatos (*Mpeg, flash, Ipod, quicktime, Mp3, Real audio*). Estão disponíveis em várias plataformas: no site da Universidade de Cambridge,<sup>8</sup> no site pessoal de Alan Macfarlane<sup>9</sup> e em um canal no Youtube.<sup>10</sup> A maior parte das gravações foi depois transcrita, permitindo o acesso ao discurso oral das entrevistas e às questões e respostas do entrevistado. Uma aba do site oferece também acesso às estatísticas de download de cada gravação.

Com relação ao dispositivo fílmico, ele é clássico. Alan Macfarlane formula questões e filma as respostas de seus convidados. Ele os contextualiza, percorrendo seus campos de pesquisa específicos e suas trajetórias profissionais. Os lugares de filmagem nem sempre são indicados, mas é possível supor que a maior parte tenha sido realizada na Grã-Bretanha, ainda que certos antropólogos tenham sido filmados em outros lugares: no Siquim, para Asen Balikci, e em sua residência pessoal, no caso de Frederik Barth.

A empreitada de Macfarlane é, até o momento, a mais vasta e completa nesse campo. Em seu site, ele exprime o desejo de expandir seu projeto para outras regiões, reconhecendo que as tradições americanas, francesas e de muitos outros países se encontram pouco representadas.

Macfarlane apontou que, em 2003, um projeto parecido com o seu teria sido lançado na China, na Universidade de Yunnan, com o objetivo de filmar os primeiros antropólogos chineses. Infelizmente, não tivemos meios de encontrar mais informações sobre a questão. Por outro lado, um projeto similar, *Interviews with anthropologists*,<sup>11</sup> foi conduzido em 2008 por Clarinda Still, então professora da *London School of Economics*. Desse projeto, encontram-se acessíveis 15 breves entrevistas com antropólogos como André Beteille, Peter Loizos, Maurice Bloch, Peter Van der Veer, Henrietta Moore, Charles Stafford e outros, inclusive Alan Macfarlane e Michael Lambek, colega canadense atualmente na Universidade de Toronto. Os relatos são baseados em 15 questões elaboradas pelo entrevistador.

---

8. <http://www.oralliterature.org/collections/amacfarlane001.html>

9. <http://www.alanmacfarlane.com/ancestors/audiovisual.html>

10. Ayabaya <https://www.youtube.com/user/ayabaya>

11. <http://elearning.lse.ac.uk/dart/interviews/index.html>

Uma empreitada diretamente inspirada na de Macfarlane foi lançada há alguns anos pelo professor Dieter Haller, diretor do Departamento de Antropologia Social da Ruhr-Universität Bochum. O projeto se intitula *Interviews with German Anthropologists. Video Portal for the History of German Anthropology post 1945* (<http://www.germananthropology.com/>). Haller explica:

Esse portal on-line foi criado como parte do projeto de pesquisa “A História da Etnologia da República Federal Alemã de 1945 a 1990” (*Fachgeschichte der bundesdeutschen Ethnologie von 1945 bis 1990*), gentilmente apoiado pela Fundação Volkswagen e pela DFG (Fundação de Pesquisa Alemã).

O objetivo geral do projeto consistia em compilar uma história da antropologia na República Federal da Alemanha, abrangendo o período de 1945 até a Reunificação. Para tanto, as principais tendências históricas e temas (assunto, questões de pesquisa, metodologia) da antropologia alemã foram traçadas. Uma especial atenção foi dada à história das ideias, redes sociais e meios, e às influências sociopolíticas.

Além de preencher uma significativa lacuna de pesquisa, o potencial de inovação do projeto reside na retomada de particularidades até então não levadas em contas do desenvolvimento da antropologia na RFA. Essas especificidades poderiam contribuir para a discussão antropológica internacional no sentido de uma “rede de antropólogos mundiais” e lançar nova luz sobre objetos centrais do estudo antropológico: cultura, etnia e alteridade.

Diferentemente do anterior, o projeto de Haller atende a uma perspectiva histórica e política. O objetivo é reconstituir uma vasta história intelectual, limitando-se aos pensadores alemães desde 1945 e lançando um esforço para retrair redes e campos intelectuais, linhas de pensamento, influências, enfim, uma gama de elementos que permitiriam captar uma especificidade alemã. Haller explica que se inspirou no trabalho de Alan Macfarlane e que seu projeto visa valorizar o pensamento antropológico alemão: “Como Macfarlane, eu gostaria de tornar acessíveis as vozes de antropólogos alemães, seus caminhos profissionais e seu envolvimento com a antropologia para um público nacional e internacional de estudiosos e estudantes”.<sup>12</sup>

---

12. Site *Interviews with German Anthropologists – Video Portal for the History of German Anthropology post 1945*: Disponível em <<http://www.germananthropology.com/video-interview/interview-ulrich-braukmper/152>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

Em seu site, 15 entrevistas com antropólogos alemães estão em formato de vídeo ou texto, todas transcritas. Entre os antropólogos entrevistados, figuram pesquisadores mais ou menos conhecidos: Ulrich Braukämper, Peter Fuchs, Volker Harms, Jürgen Jensen, Ulla Johansen, Ute Luig, Klaus E. Müller, Michael Oppitz, Georg Pfeffer, Johannes W. Raum, Berthold Riese, Erhard Schlesier, Bernhard Streck, Joseph F. Thiel e J. Christoph Winter.

Cada filme tem duração de aproximadamente duas horas, e os antropólogos são filmados em suas respectivas casas. Totalizando mais de 30 horas, a coleção é acessível em alemão; os filmes são separados em seções que, por sua vez, aparecem em inglês, de modo que o espectador é livre para escolher uma ou outra seção, de acordo com os temas de seu interesse.

O site, de grande qualidade, oferece links (Youtube) para a seção *Breves retratos*,<sup>13</sup> na qual figuram unicamente textos e notícias biográficas de antropólogos alemães, e para a seção *Entrevistas adicionais*,<sup>14</sup> que aparece somente no formato de texto. Nele, há um glossário, uma cronologia contemporânea, uma lista de instituições alemãs em que a antropologia marca presença e, sobretudo, um mapa interativo no qual o internauta pode visualizar os grandes trabalhos de campo realizados por antropólogos alemães.

Ludger Müller-Wille, antropólogo-geógrafo alemão, residente no Canadá, especialista do Grande Norte e conhecido por seus trabalhos sobre a toponímia pela Universidade McGill, aparece no site (<http://www.germananthropology.com/short-portrait/ludger-mller-wille/138>) somente na seção *Breves retratos*, com uma nota biográfica realizada em formato de texto. O projeto é anunciado como ainda em curso, o que gera expectativa de novos vídeos a serem disponibilizados online nos meses que se seguem.

Outras iniciativas desenvolveram-se, aparentemente não associadas à de Macfarlane. No Brasil, por exemplo, entre 2000 e 2007, um projeto foi realizado pelo Grupo de Antropologia Visual (GRAVI) no LISA (Laboratório de Imagem Som em Antropologia). A Série *Trajetórias*<sup>15</sup> () conta hoje com cinco filmes dedicados a antropólogos, entre os quais figuram J. Rouch, D. Maybury-Lewis, C. Alves Costa, J. McDougall e M. Moreira Leite.<sup>16</sup>

---

13. <http://www.germananthropology.com/short-portraits/>

14. <http://www.germananthropology.com/additional-interviews/>

15. <http://www.lisa.usp.br/producao/videos.shtml>

16. Ver também o NAVISUAL/UFRGS – Narradores Urbanos, um projeto que trata da trajetória de antropólogos brasileiros. Agradecemos a Paula Morgado Diaz Lopes por ter chamado nossa atenção para esse projeto. (<http://www.ufrgs.br/ppgas/nucleos/navisual/>)

Em Quebec, duas empreitadas de mesmo gênero merecem menção.<sup>17</sup> A primeira é uma série audiovisual realizada na Universidade Laval por colegas do Departamento de Sociologia. Intitulada *Sociologues et sociologie québécoise*, é composta por várias entrevistas de uma a três horas, com base no clássico dispositivo de perguntas e respostas. A série foi realizada em 1980 por Michel Côté, Jean-Guy Racicot e o serviço audiovisual da Universidade Laval. Entre as personalidades entrevistadas, estão os mais célebres sociólogos quebequenses. Jean-Charles Falardeau, Marcel Rioux, Jean-Marc Pottie, Colette Moreux e Gérald Fortin filmados em 1981; Nicole Laurin Frenette, Hubert Guindon e Georges-Henri Lévesque, em 1984. Nem todos esses filmes estão online, mas estão disponíveis na biblioteca da Universidade Laval. Um DVD foi produzido em seguida, o que torna possível assistir aos melhores momentos dessas entrevistas.

A segunda empreitada foi lançada por Lise Pilon em 1996. Intitulada *Portraits d'anthropologues québécois (Retratos de antropólogos de Québec)*, está online no site do Departamento de Antropologia da Universidade Laval.<sup>18</sup> Três entrevistas, que totalizam uma hora e meia cada, foram realizadas com sete antropólogos que fundaram o Departamento de Antropologia da Universidade Laval: Pierre Maranda, Marc-Adélard Tremblay, Bernard Saladin d'Anglure, Gerry McNulty, Paul Charest, Yvan Simonis e Renaud Santerre, representando um total de cerca de 10 horas de gravação. O dispositivo é novamente aquele no qual cada antropólogo é entrevistado por um doutorando, e os filmes são apresentados em três seções de 30 minutos cada. Neles, Michel Lapierre e Frédéric Laugrand fazem o papel de entrevistadores. Infelizmente, por falta de financiamento, esse projeto não teve continuidade e foi bruscamente interrompido.

Na Europa, particularmente na França, outras iniciativas de mesma envergadura foram igualmente concebidas, uma voltada à antropologia geral e outra sobre biografias audiovisuais de diversos especialistas da Ásia.

### *O legado da etnologia*

*O legado da etnologia*<sup>19</sup> é uma série lançada pelo Huit, canal francês especializado na produção de documentários. Produzidos entre 2008 e 2011 por Gilles Le Mao e Stéphanie Jourdain, esses filmes têm a forma de longas narrações realizadas por antropólogos, com duração aproximada de 180 minutos cada uma. Os DVDs comercializados trazem entrevistas substanciais com antropólogos franceses, porém, no site da

17. Agradecemos a Andrée Fortin por nos ter apresentado a essa série.

18. <http://www.ant.ulaval.ca/?pid=1432>

19. Disponível em <<http://www.culturecommunication.gouv.fr/Politiques-ministerielles/Patrimoine-ethnologique/Audiovisuel/Collection-L-ethnologie-en-heritage>> .

coleção, não há informação sobre os critérios de seleção dos pesquisadores. Diversas personalidades conhecidas foram escolhidas, entre elas: Marc Augé, Georges Balandier, Maurice Bloch, Isaac Chiva, Georges Condominas, Philippe Descola, Roberte Hamayon, Françoise Héritier, Maurice Godelier, Jean Malaurie, Marc Piau, Gilbert Rouget e Gilles Tarabout. O site não fornece nenhuma indicação sobre a continuidade (ou não) da coleção. Os filmes são notáveis e produzidos para fins didáticos, no entanto, a série é de difícil acesso. No total, são mais de 40 horas de gravação, com filmes nos quais são inseridos documentos inéditos, fotografias, trechos de documentários etc. Vários desses filmes inspiraram, diga-se de passagem, o nosso projeto.<sup>20</sup>

A segunda série, intitulada *Paroles d'Asie et du Pacifique*,<sup>21</sup> (*Falas da Ásia e do Pacífico*) reúne entrevistas produzidas pela Rede Asie-IMASIE e conduzidas, desde 2008, por Jean-François Sabouret, sociólogo e diretor de pesquisa do CNRS, e Momoko Seko. Os filmes, de duração entre 52 e 120 minutos, são realizados com pesquisadores em ciências humanas e sociais, apontados como *experts sobre Ásia e Pacífico*. Segundo os responsáveis, “a ênfase é dada sobretudo à vida deles, as suas aventuras, às escolhas que fizeram, e aos combates que enfrentaram”. Aqui, todos os campos disciplinares são levados em conta, de modo que emergem personalidades variadas, oriundas de múltiplas perspectivas (antropologia, história, geografia etc.). Os filmes disponíveis dão voz às narrativas de Georges Condominas, Lê Thàn Khoi, Roberte Hamayon, Jean-Marc Regnault, Augustin Berque, Maurice Godelier, Jacques Pouchepadas, André Lévy, Gérard Fussman, Jacques Gernet, Nicole Revel, Léon Vandermeersch, Bruno Dagens, Claudine Salmon, Jacques Pimpaneau e Christian Huetz de Lemps.

Além dessas grandes séries, inúmeros filmes existem sobre um ou outro antropólogo, como o extraordinário filme<sup>22</sup> de Pierre Beuchot sobre Claude Lévi-Strauss (2004), ou ainda o *Claude Lévi-Strauss por ele mesmo*,<sup>23</sup> que Pierre-André Boutang e Annie Chevalley dirigiram em 2008 (Arte) – esse último filme se inscreve na célebre série *Monographie d'écrivain* (*Monografia de escritor*). Pode-se citar igualmente o Abecedário de Gilles Deleuze.<sup>24</sup>

Esse levantamento se situa, contudo, para além de nosso objetivo de comparar diferentes iniciativas coletivas de preservação da memória do saber antropológico. Seria necessário, todavia, mencionar a existência

20. [https://www.youtube.com/watch?v=NXZN7\\_Da2fw](https://www.youtube.com/watch?v=NXZN7_Da2fw)

21. Disponível em <<http://www.gis-reseau-asie.org/films-concerts/collection-paroles-asie-pacifique>>.

22. Disponível em <<http://www.ina.fr/video/CPF86632052>>.

23. Disponível em <[http://boutique.arte.tv/f8855-claude\\_levi\\_strauss\\_coffret\\_2\\_dvd](http://boutique.arte.tv/f8855-claude_levi_strauss_coffret_2_dvd)>.

24. Disponível em <<http://www.editionsmontparnasse.fr/p469/L-Abecedaire-de-Gilles-Deleuze-DVD>>.

de inúmeros sites nos quais vários antropólogos e sociólogos podem ser vistos e ouvidos falando de suas pesquisas.

Na França, o site<sup>25</sup> dos *Archives Visuelles de la Recherche* (Arquivos Visuais da pesquisa) oferece grande quantidade de conferências, cursos e seminários. A Universidade de todos os saberes<sup>26</sup> é outra iniciativa de mesmo gênero apoiada pelo governo francês e lançada em 2008. A empreitada visa à divulgação dos últimos avanços da ciência, acumulando, até o momento, cerca de 366 conferências de especialistas em todas as áreas. As rádios, seja a *France Culture*<sup>27</sup> ou os arquivos visuais do INA,<sup>28</sup> oferecem recursos visuais importantes que permitem escutar os mais conhecidos antropólogos, como R. Caillois, C. Lévi-Strauss, M. Foucault, P. Bourdieu e muitos outros. Sociólogos e antropólogos estão, enfim, cada vez mais presentes em diversas plataformas como Youtube, Vimeo, Dailymotion e Facebook, nas quais estão acessíveis gratuitamente conferências e seminários recentes ou mais antigos.<sup>29</sup> Para falar apenas de Quebec, é possível ver no Youtube o primeiro doutorado de antropologia conferido pela Universidade Laval a Gilles Bibeau, defesa presidida por Marc-Adélar Tremblay, na qual participaram Luc de Heusch e Claude Lévi-Strauss, estando o último de passagem no campus da universidade, que lhe atribuiu, na ocasião, um doutorado *honoris causa*.<sup>30</sup>

Em Quebec, a Associação dos Antropólogos do Quebec (AAQ) disponibilizou online documentos audiovisuais, entre os quais dois filmes (um sobre B. Bernier e outro sobre S. de Plaen) no contexto da série *Profils d'anthropologues, Perfis de antropólogos*,<sup>31</sup> com o objetivo prático, sobretudo, de tornar conhecido o que realizam concretamente os antropólogos. A associação define essa série da seguinte maneira:

O projeto Perfis de Antropólogos almeja fornecer elementos para as respostas às questões de nossos membros e, igualmente, a todos, no que diz respeito à profissão do antropólogo. Entre essas questões, estão: “O que fazem concretamente os antropólogos?”, “Qual é o mercado de trabalho em antropologia?”, “Os profissionais trabalham mais no setor privado ou no setor público”, ou ainda, “Uma graduação é suficiente

25. [http://www.archivesaudiovisuelles.fr/FR/\\_libraryauthors.asp](http://www.archivesaudiovisuelles.fr/FR/_libraryauthors.asp)

26. [http://www.canal-u.tv/producteurs/universite\\_de\\_tous\\_les\\_savoirs](http://www.canal-u.tv/producteurs/universite_de_tous_les_savoirs)

27. <http://www.franceculture.fr/>

28. <http://www.ina.fr/>

29. Ver ainda o site *Les Ernest. 15 minutes pour changer notre vision du monde*, <http://www.les-ernest.fr/>

30. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=azD88chBukY>>.

31. Disponível em <<https://aanthq.qc.ca/projets/profils-danthropologues/>>.

para alguém se considerar antropólogo ou é preciso efetuar uma especialização para se obter o título profissional?”

Para concluir, lembremos que um grande número de antropólogos concede, regularmente e cada vez mais, entrevistas ou participa de encontros em revistas especializadas ou para o grande público e, por vezes, em formato audiovisual. Com frequência, esses documentos valiosos são, infelizmente, muito breves para cobrir a biografia e os campos do participante. O projeto *Os Possuídos* permite preencher essas lacunas, oferecendo a todos os antropólogos que publicaram na revista *Anthropologie et Sociétés* a possibilidade de explicar em detalhes sua trajetória intelectual e suas pesquisas.

#### **4 OS POSSUÍDOS E SEUS MUNDOS: TESTEMUNHOS DE UMA GERAÇÃO DE ANTROPÓLOGOS**

Desde o princípio, o projeto se beneficiou das recomendações do Comitê de redação da revista *Anthropologie et Sociétés*, interessado em desenvolver um campo audiovisual e digital no contexto dos projetos científicos das Ciências Sociais e da Antropologia.<sup>32</sup>

Desde o princípio dessa empreitada, seis objetivos guiaram o projeto.

1. Participar de um trabalho de preservação da memória recolhendo narrativas de pesquisadores da antropologia e de outras disciplinas que contribuíram para a revista *Anthropologie et Sociétés*;
2. Favorecer a transmissão de saberes a partir das ferramentas audiovisuais, com base na constatação de que as jovens gerações leem menos, mas veem mais imagens;
3. Estimular o interesse dessas gerações jovens e dos menos jovens, produzindo sequências fílmicas acessíveis gratuitamente e de modo fácil, esperando que esses grupos voltem a consultar as produções escritas dos narradores, as quais oferecem dados complementares e contextuais;
4. Acelerar e intensificar a difusão da Antropologia, promovendo sequências suscetíveis de atingir o grande público e a comunidade universitária, capazes de alimentar o ensino em classe ou a distância;

---

32. O projeto se beneficia de ajuda financeira da revista e de apoio *in natura* e espécie da Faculdade de Ciências Sociais e do Departamento de Antropologia da Universidade Laval que fez, em particular, a aquisição do material gravado.

5. Valorizar a Antropologia como disciplina e aumentar sua visibilidade, convidando os antropólogos para falar sobre suas vocações, seus *campos antropológicos* e suas contribuições metodológicas e teóricas nas ciências sociais;
6. Reconstituir a paisagem acadêmica de uma época, com a história intelectual dos seus atores, na sua maioria, pioneiros da disciplina em Quebec.

A seleção dos antropólogos e sociólogos não se mostrou um trabalho difícil com relação à escolha de pesquisadores que trabalham em Quebec e que colaboraram com a revista *Anthropologie et Sociétés*, independentemente de suas disciplinas ou origem. Essa era a porta de entrada do projeto, claramente aberta a todos os antropólogos, sem distinção de idade. Trata-se de recolher imagens e depoimentos como complemento à abundante produção escrita deixada como legado por esses pesquisadores, os quais contribuíram, entre outras coisas, para dar vida à revista, desde sua fundação em 1975 por Yvan Simonis. Os antropólogos escolhidos foram então aqueles que, dentro da faixa etária escolhida, se mostraram mais disponíveis e geograficamente acessíveis.<sup>33</sup>

Contrariamente ao projeto de Haller, evocado mais acima, a série *Os Possuídos* não foi pensada a partir de uma perspectiva nacional; o projeto se inscreve mais sob o ângulo de uma valorização geral da Antropologia tal como ela é feita em Quebec, no Canadá, e em outros lugares, por pesquisadores de origens e disciplinas diversas, sendo sua participação o que os une, ainda que mínima, na revista *Anthropologie et Sociétés*.<sup>34</sup> Essa participação é medida de diversas maneiras: a supervisão de um número especial da revista, a redação de um artigo ou nota de pesquisa, um levantamento ou mesmo parecer científico para a revista. Em princípio, por razões financeiras, a prioridade foi dada a colegas do Departamento de

---

33. A equipe criada permanece a mesma desde o começo do projeto, sendo composta por Emmanuel Luce, estudante de doutorado, Anthony Melanson, estudante em especialização, e Frédéric Laugrand, professor do Departamento de Antropologia, atual diretor da revista *Anthropologie et Sociétés*, e responsável pelo campo audiovisual desse departamento.

34. Com base no sucesso do projeto e na demanda por parte de todos os professores convidados e espectadores, espera-se que um dia ele possa se estender ao conjunto dos professores aposentados da Universidade Laval e que aceitem participar desse exercício. A situação parece crítica, e muitos colegas aposentados se inquietam em razão da pouca atenção dada à memória dos professores, não estando previsto qualquer mecanismo de transmissão (ver SPUL-lien, vol 11, 2015).

Antropologia da Universidade Laval e de outros departamentos de Quebec, mas o projeto, a partir de então, deve se expandir.<sup>35</sup>

## 5 O DISPOSITIVO VIDEOGRÁFICO E A ESCOLHA DA GRAVAÇÃO-MONTAGEM

O dispositivo de *Os Possuídos* é menos de entrevista do que de narração e testemunho. A empreitada exige, contudo, uma preparação, e várias etapas se sucedem. O responsável pela revista escolhe, a princípio, o convidado selecionado e trabalha com uma grade de questões mais ou menos precisas a partir do currículo do(a) pesquisador(a). A cada um dos participantes, propõe-se uma apresentação de seu meio social e familiar, suas lembranças de infância, sua educação, o nascimento da sua vocação profissional – que se cristaliza comumente em uma lembrança precisa – e seu percurso acadêmico. Os participantes, porém, respondem muito diferentemente a essa questão, de modo que, se alguns narram com detalhes, com fins sociológicos (Marcel Fournier, B. Saladin d'Anglure etc.), outros, como E. Schwimmer, preferem se esquivar do tema e entram diretamente na discussão de suas temáticas de pesquisa. Essa margem de manobra deixada ao entrevistador vale para todo o resto do questionário. Ainda que um guia de questões e sugestões de temas seja submetido ao participante, ele tem toda a liberdade de inserir as modificações que deseja antes ou depois da entrevista (inserções, supressões e outras correções).

As gravações são realizadas com uma câmera fotográfica reflex digital (DSLR), de formato grande e equipada com um zoom 24-105 de abertura fixa (f:4) e com conjunto tripé (Figura 1). Esse aparelho oferece a possibilidade de se filmar com pouca luz. Não é raro de se trabalhar com ISO 1600. A hipersensibilidade dos sensores permite aproveitamento da luz natural e operação com a luminosidade disponível em um salão, uma cozinha ou mesmo na intimidade de um escritório. A lente permite trabalhar a profundidade e destacar bem o fundo da cena. Busca-se contextualizar o campo e valorizar o participante. A captação sonora é auxiliada por um microfone shotgun, montado sobre uma haste e conectado por XLR a um gravador independente da câmera. A sincronização do som é feita na montagem.

---

35. A obtenção em 2015/16 de um apoio financeiro da IXª Comissão mista permanente Quebec/Valônia-Bruxelas permitiu a realização de alguns filmes na Bélgica, em junho de 2016, com Mike Singleton, Renaat Devisch, Robert Deliège, Lucienne Strivay, Karel Dobbelaere e Liliane Voyé, sócioantropólogos que publicaram na *Anthropologie et Sociétés* ou na *Social Compass*, projetos focados nessas duas revistas. Além disso, a obtenção recente de uma subvenção do CRSH permite hoje a ampliação do projeto em outras províncias do Canadá.

**figura 1**  
Equipe trabalhando (desenho de Sophie Privé).



A filmagem é realizada em Full HD (1920 × 1080 pixels, formato 16/9). Por questões técnicas da DSLR, as sequências de gravação contínuas não podem exceder 30 minutos. Tal restrição, a princípio frustrante, logo se revelou pertinente, de maneira a dar ritmo aos encontros.

Em média, a filmagem transcorre durante um dia e, no total, cada relato detalhado dá lugar a uma série de oito a 12 sequências fílmicas. Mais de uma vez aconteceu, porém, de a equipe precisar voltar duas ou três vezes para dar continuidade à gravação (com B. Saladin d'Anglure, É. Schwimmer, L.J. Dorais, G. Bibeau).

Tendo como objetivo valorizar as narrativas autobiográficas, dada a limitação orçamentária, adotou-se o princípio gravação-montagem – respeitando-se a cronologia das imagens e uma montagem básica. Com raras exceções, cada sequência conservou sua trama original, sendo as únicas modificações cortes de cenas que não deram certo e algumas inserções de documentos visuais (fotografias, esquemas etc.), quando estes se mostravam pertinentes ou indispensáveis. De fato, se o objetivo é valorizar a narrativa, as sequências não pretendem ser substituídas pelo texto, mas oferecer materiais complementares da produção escrita conhecida e acessível, uma vez que os entrevistados publicaram numerosos textos ao longo de sua carreira. Cada participante pode personalizar ainda mais sua performance, comentando um item pessoal ou dividindo dados empíricos inéditos.

## 6 A DIFUSÃO GRATUITA DAS SEQUÊNCIAS FÍLMICAS

Desde novembro de 2015, todas as sequências são disponibilizadas online no site<sup>36</sup> da revista *Anthropologie et Sociétés*, na proporção de dois filmes por semana (apenas um antes, entre 2014 e 2015), nos 11 dos 12 meses, sendo que a revista interrompe suas atividades entre meados de julho e meados de agosto.

Cada filme é também disponibilizado gratuitamente no canal Youtube<sup>37</sup> da revista. Os filmes são anunciados no próprio dia do lançamento na página do Facebook<sup>38</sup> e na conta do Twitter.<sup>39</sup>

Graças à generosidade de Jean-Marie Tremblay, sociólogo e responsável por um site que disponibiliza, hoje, mais de 6.500 livros e artigos de pesquisadores em ciências sociais,<sup>40</sup> os filmes também são acessíveis nessa plataforma, abaixo da ficha de cada autor. Graças ao apoio de Annie Bérubé, da biblioteca da Universidade Laval, cada filme se encontra indexado nas bases de dados da biblioteca a partir do nome do entrevistado. As sequências realizadas são de alta qualidade e podem ser veiculadas em qualquer rede de televisão ou estação de rádio.

## 7 OS FILMES REALIZADOS

Até o presente, a equipe realizou filmes com 35 antropólogos, sociólogos, historiadores e geógrafos, somando-se aproximadamente 150 horas, acessíveis em múltiplas sequências, com duração entre 25 e 40 minutos cada.

Tendo por base o trabalho realizado entre 2014 e 2016, a equipe espera filmar e produzir cerca de 20 relatos por ano, cada uma implicando vários dias de trabalho, uma vez que é necessário prever, além da pesquisa documental, o deslocamento até o entrevistado, o encontro propriamente dito, a filmagem ao longo de um dia ou mais, a montagem e edição final dos filmes. O outono de 2016 foi dedicado a recolher depoimentos de antropólogos anglófonos, na Colúmbia Britânica e na região de Toronto.

---

36. <https://www.anthropologie-societes.ant.ulaval.ca/>

37. <https://www.youtube.com/channel/UCb5YUvJjEpeGBvmFOUasKoA/feed>

38. <https://www.facebook.com/anthropologieetsocietes>

39. [https://twitter.com/Anthropo\\_et\\_soc](https://twitter.com/Anthropo_et_soc)

40. cf. Clássico em ciências sociais – <http://classiques.uqac.ca/contemporains/>

**quadro 1**  
Lista dos filmes  
realizados  
(2014-2017).

<b>POSSUÍDOS</b>	<b>DISCIPLINAS</b>	<b>UNIVERSIDADES</b>	<b>PALAVRAS CHAVES</b>
Michael Asch	Antropologia	U. Edmonton	Canadá, Dènès
Asen Balikci	Antropologia	U. de Montréal	Canadá, Inuit, visual, Europa, Afeganistão
Claude Bariteau	Antropologia	U. Laval	Quebec, nacionalismo
John Barker	Antropologia	UBC	Melanésia, cristianismo
Bernard Bernier	Antropologia	U. de Montréal	Japão, economia
Pierre Beaucage	Antropologia	U. de Montréal	México, Nahuatl, taxinomias
Gilles Bibeau	Antropologia	U. de Montréal	África, Índia, saúde
Serge Bouchard	Antropologia	Consultant	Autóctones do Canadá
Kennelm Burrige	Antropologia	UBC	Melanésia, Oceania
Jean-Jacques Chalifoux	Antropologia	U. Laval	Guiana, Marrocos, etnobiológico
Bernard Chapais	Antropologia	U. de Montréal	Primatologia, etnobiológico
Paul Charest	Antropologia	U. Laval	África
Chantal Collard	Antropologia	Concordia U.	África, Europa, parentesco
Ellen Corin	Antropologia	McGill U.	África, etnopsiquiatria
Julie Cruikshank	Antropologia	UBC	Canadá, autóctones
Huguette Dagenais	Antropologia	U. Laval	Antilhas, feminismo
Regna Darnell	Antropologia	Univ. Western Ontario	Canada, linguística, história da antropologia americana
Rodolphe DeKoninck	Geografia	U. de Montréal	Sudeste da Ásia, Cingapura
Denys Delège	Sociologia e história	U. Laval	América do Norte, ameríndios
Robert Deliège	Antropologia	UCL (Belgique)	Índia, história da antropologia
Renaat Devisch	Antropologia	U. de Leuven (Belgique)	África, Yaka, corpo, adivinhação
Karel Dobbelaere	Sociologia	U. de Anvers et de Leuven (Belgique)	Europa, religião
Louis-Jacques Dorais	Antropologia	U. Laval	América do Norte, Inuit
Harvey Feit	Antropologia	U. MacMaster	Cris do Quebec
Andrée Fortin	Sociologia	U. Laval	Quebec
Patrick Fougeyrollas	Antropologia	INRS	Deficiência
Marcel Fournier	Sociologia	U. de Montréal	Escola francesa de sociologia
Jim Freedman	Antropologia	Univ. Western Ontario et Consultant	África, desenvolvimento
John Galaty	Antropologia	U. McGill	África oriental, Masai
Serge Genest	Antropologia	U. Laval	África, Tailândia
Jean-Guy Goulet	Antropologia	U. St. Paul	Dènès, Wayuu
Marie-Françoise Guédon	Antropologia	U. Ottawa	Canadá, Dènès
Mathias Guenther	Antropologia	Wilfried Laurier U.	África, Botsuana
Bogumil Jewziecki Koss	História e Antropologia	U. Laval	África, Memória
Christine Jourdan	Antropologia	U. Concordia	Ilhas Salomão, linguística
Marie-France Labrecque	Antropologia	U. Laval	México, Maya

<b>POSSUÍDOS</b>	<b>DISCIPLINAS</b>	<b>UNIVERSIDADES</b>	<b>PALAVRAS CHAVES</b>
Richard B. Lee	Antropologia	U. Toronto	África, Kung
Dominique Legros	Antropologia	U. Concordia	Canadá, Dènès, relações sociais
Raymond Lemieux	Sociologia e Teologia	U. Laval	Quebec, religião
Joseph Lévy	Antropologia, ética e sexologia	UQAM	Ética, saúde
Margaret Lock	Antropologia	U. McGill	Japão, antropologia da saúde
Andrew Lyons	Antropologia	Wilfried Laurier U.	Antropologia da sexualidade
Harriet Lyons	Antropologia	U. Waterloo	Antropologia da sexualidade
Pierre Maranda	Antropologia	U. Laval	Ilhas Salomão, estruturalismo
Raymond Massé	Antropologia	U. Laval	Antropologia médica, Créoles
Toby Morantz	Antropologia	U. McGill	Canadá, Cris, autóctones
Jean-Claude Muller	Antropologia	U. Laval	África, parentesco
Jean-Jacques Nattiez	Etnomusicologia	U. de Montréal	Musicologie, Inuit
Mariella Pandolfi	Antropologia	U. de Montréal	Antropologia política
Louise Paradis	Arqueologia e Antropologia	U. de Montréal	México, objetos
Richard Preston	Antropologia	U. McMaster	Canadá, Cris
Robin Ridington	Antropologia	UBC	Canadá, Dènès
Julian Ridington	Antropologia	Consultant	Canadá, Athapaskan
Margaret Rodman	Antropologia	U. Waterloo	Vanuatu, habitat
Françoise Romaine-Ouellette	Antropologia	INRS	Nova-Guiné, parentesco
Jérôme Rousseau	Antropologia	McGill U.	Indonésia, estruturas sociais
Susan Rowley	Arqueologia e Antropologia	UBC et MOA	Canadá, Inuit, autóctones
Francine Saillant	Antropologia	U. Laval	Antropologia médica, ajuda humanitária, direitos humanos
Bernard Saladin d'Anglure	Antropologia	U. Laval	Inuit, Amazônia, xamanismo
Éric Schwimmer	Antropologia	U. Laval	Maori, semiótica
Jean-Jacques Simard	Sociologia	U. Laval	América do Norte, Inuit et Cris
Michael Singleton	Antropologia	UCL (Belgique)	África, campo, desenvolvimento
Gavin Smith	Antropologia	U. Toronto	América latina, Europa
Lucienne Strivay	Antropologia	U. de Liège (Belgique)	Animais, crianças selvagens, natureza
Adrian Tanner	Antropologia	Memorial U.	Canadá, Cris
Chris Trott	Antropologia	U. du Manitoba	Inuit, música, parentesco
David Turner	Antropologia	U. Toronto	Austrália, aborígenes
Liliane Voyé	Sociologia	UCL (Belgique)	Europa, urbanismo, religião
Éric Waddell	Geografia	U. Laval	Pacífico, francofonia
David Young	Antropologia	U. Alberta	Japão, saúde, arte

## 8 CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DA SÉRIE *POSSUÍDOS*

### 8.1 OS ATORES, AS INSTITUIÇÕES E A MEMÓRIA DE UMA ÉPOCA

A série *Os Possuídos* proporciona uma série de olhares cruzados sobre a história dos Departamentos de Antropologia de Quebec e seus atores. Por uma questão de espaço, não é possível analisar aqui os discursos, imagens, temas e pontos de vista expressos na realização das numerosas sequências filmadas, mas tal trabalho merece ser empreendido. Será preciso acompanhar a realização de numerosos filmes, em particular com os antropólogos anglófonos fora de Quebec, e recolher depoimentos dos nossos colegas mais experientes, como Kennelm Burridge ou Richard B. Lee. Os dados reunidos permitirão, desse modo, validar, completar ou detalhar certas conclusões emitidas por numerosos antropólogos que se dedicaram a captar a especificidade e a história da Antropologia canadense, teórica ou aplicada (Connor e Curtis 1970; Freedman 1976-1977; Burridge 1979; Mcfeast 1980; Harriess-Jones 1997; Darnell 1997-1998; Cole 2000; Darnell e Harrison 2006), em ligação com os trabalhos realizados na Europa e Estados Unidos. A série *Os Possuídos* vem, enfim, completar algumas raras biografias de antropólogos canadenses já editadas por colegas como Joseph J. Lévy, que recolheu, por exemplo, o depoimento de Jean Benoist, um dos fundadores do Departamento de Antropologia da Universidade de Montreal (Lévy 2000).

Os participantes citam um vasto conjunto de personagens que exerceram papel central em sua formação e em suas ideias. Claude Lévi-Strauss, por exemplo, ocupa um lugar singular que reflete bem sua posição no seio da disciplina antropológica. Sob esse ponto de vista, Jérôme Rousseau confiou um detalhe inédito a seu respeito, apontando que, ao fim da guerra, seguindo a sugestão de seu pai, Jacques Rousseau, a Universidade de Montreal considerara lhe oferecer um posto, mas que o arcebispo de Montreal tinha, à época, vetado por Lévi-Strauss ser judeu. Em seu discurso, por ocasião do doutorado *honoris causa* a ele conferido pela Universidade Laval em 1979, Lévi-Strauss faz referência às amizades que nutria na família de Jacques Rousseau, mas oculta esse incidente. Vários participantes evocaram lembranças e pontos de vista, inclusive críticos, a respeito de Lévi-Strauss, como foi o caso de Bernard Bernier, por exemplo. Éric Schwimmer, por sua vez, relatou um ótimo caso que testemunhou na ocasião de um encontro entre Claude Lévi-Strauss e Margaret Mead, intelectuais que nutriam admiração recíproca.

Muitos dos antropólogos entrevistados mencionaram outra grande figura da Antropologia de Quebec, Marc-Adéland Tremblay, que, na Universidade Laval, foi junto com Yvan Breton um dos grandes professores do Departamento de Antropologia, além de ter amplamente influenciado

seus colegas em suas concepções e práticas de campo (ver Genest 1985). Enfim, vários antropólogos entrevistados desvelam grandes debates ideológicos que atravessaram as ciências sociais deste lado do Atlântico, seja o marxismo ou o feminismo ou os conflitos que por vezes dividiram profundamente as unidades, como a Sociobiologia, o Estruturalismo e o Materialismo histórico.

No plano pessoal, os participantes mostraram-se bastante abertos, abrindo espaço para falar do acaso e do imprevisto, assim como da *serendipidade*,<sup>41</sup> para citar a expressão retomada por Bernard Saladin d'Anglure. Alguns, como Joseph Lévy e Patrick Fougeyrollas, testemunham com detalhes sua infância e educação; outros, como Serge Genest e Jean-Jacques Chalifoux, as dificuldades que tiveram de atravessar desde a tenra infância. A maioria explica as condições relativamente fáceis com as quais se beneficiaram para serem contratados. Por vezes, algumas universidades os contrataram antes mesmo que tivessem terminado seus estudos. Várias dessas experiências pessoais nos parecem surreais hoje em dia. Os filmes são bastante reveladores dos personagens e mostram não apenas traços de personalidade, mas também metodologias e abordagens teóricas. B. Saladin d'Anglure, que fora o mais prolixo – foram três dias de gravação –, revelou com detalhes sua intimidade, erudição e paixão.

O antropólogo transparece seus sentimentos e experiências, inclusive nos momentos mais dramáticos de sua existência, transformando-os em verdadeiros campos etnográficos. Ele relata, por exemplo, sua experiência com uma situação de hemiplegia de maneira muito interessante, validando, na ocasião, certas observações de Marcel Mauss em seu trabalho sobre as técnicas do corpo.

Vários colegas apresentam com grande paixão as ideias mestras que perpassam ou que alimentam suas pesquisas: Raymond Lemieux retomou assim o conceito de crença e errância sob o ângulo da psicanálise. Pierre Maranda explicou com forte convicção a semiografia que soube manipular em numerosos contextos, inclusive em trabalhos de Antropologia aplicada. Louis-Jacques Dorais demonstrou, de maneira muito pedagógica, sua paixão por línguas e minorias. Jean-Jacques Simard defendeu com fervor sua prática em pesquisas sociométricas e explicou a emergência do Estado em sociedades indígenas de Quebec. Outros testemunharam os desafios que os atraíram durante a carreira, fosse a violência do ser humano, que despertou o interesse de Gilles Bibeau, a memória e a imagem que fascinaram Bogumil Koss; o interesse por

---

41. Esse termo designa uma invenção acidental, inesperada ou seguida de uma série de circunstâncias.

Wagner, de Jean-Jacques Nattiez, dedicando-lhe vários livros; o por Mauss e Durkheim, para Marcel Fournier, por meio de seus arquivos e correspondências; Denys Delâge, que estudou a transmissão cultural e as relações entre Ameríndios e a sociedade colonial etc.

Em todos os filmes, os trabalhos de campo são ricamente ilustrados por um vasto conjunto de histórias reveladoras da capacidade do sociólogo e do antropólogo de captar o que se produz ao seu redor: Jean-Jacques Chailifoux contou seu encontro com uma morsa, uma verdadeira peça antológica para os que se interessam pelas relações entre homens e animais. Ele relata, com muito talento e humor, sua estadia junto aos Abisi da Nigéria, retomando enfim uma experiência traumatizante de morte/renascimento que viveu na Guiana e que lhe permitiu em seguida estudar o xamanismo kalina. Françoise-Romaine Ouellette descreve em detalhes seu trabalho de campo, acompanhada por seu marido na Nova-Guiné. Éric Waddell retoma o caso de seus *transfugos* nos anos 1950, descrevendo os antropólogos literalmente *devorados* pelo trabalho de campo e que passam para o outro lado, desaparecendo entre seus anfitriões. Maria Pandolfi aborda, de maneira crítica, a loucura humanitária, seguida por um conflito intrincado nos Balcãs, demonstrando finalmente a tese lévi-straussiana de uma afinidade entre a guerra e o comércio. Os debates ideológicos são mencionados em numerosas ocasiões, seja do marxismo realçado por Bernard Bernier ou Pierre Beaucage, do feminismo descrito por Marie France Labrecque e Huguette Dagenais, ou ainda do nacionalismo abordado por Claude Bariteau e Andrée Fortin. Os participantes pertencem a períodos de incerteza, de questionamentos e mesmo de fracassos, seja Louis Paradis, no México; Chantal Collard, no momento de seu trabalho sobre a adoção internacional e a procriação médica assistida, etc. Outros oferecem testemunhos bastante reflexivos, como Éric Schwimmer, influenciado pela leitura de Jacques Ferron, ou Ellen Corin, que, no contexto dos ritos de possessão africanos que compara, explica a influência do contexto social e cultural sobre a experiência subjetiva e se interessa em compreender as forças contrárias que atravessam as culturas, etc. Cada participante se exprime com seu estilo, de modo que o tom das gravações varia consideravelmente de um filme a outro.

## 8.2 DESAFIOS, DIFICULDADES E RESTRIÇÕES

No decorrer desse processo, dois limites puderam ser identificados.

O primeiro leva em conta, sem dúvida alguma, a idade e as condições de saúde dos participantes entrevistados, um parâmetro sobre o qual o projeto não tem nenhum controle direto. À luz das nossas experiências, pudemos observar que não era preciso esperar muito para gravar e en-

trevisitar os professores imediatamente depois de sua aposentadoria – a passagem dessa etapa neles é acompanhada frequentemente de um distanciamento que a curto prazo se revela muito prolífico para o projeto, mas que a longo prazo gera um desligamento. Desse modo, não foi possível convencer vários colegas a participar dessa empreitada.

Um segundo limite se situa no campo do entrevistador, que nem sempre conhece suficientemente os participantes ou os conhece, às vezes, somente pela leitura de seus currículos ou de alguns de seus trabalhos. Seja qual for a situação, a equipe manifestou, tanto quanto possível, escuta e empatia, silêncio atencioso e compreensão, demonstrando capacidade de adaptação, relendo previamente alguns textos dos entrevistados.

O fato de cada participante dispor de toda a liberdade para falar (ou não) sobre os temas que lhe interessa traz de fato vantagens, mas consiste também em um outro limite, na medida em que a equipe tem pouco controle sobre o não dito, a dissimulação, o esquecimento (voluntário ou não) de cada entrevistado. Mas a escolha é de respeitar a divisão entre o real e as zonas de incerteza.

Em suma, o projeto *Os Possuídos* permanece evidentemente incompleto e parcial, fragmentado e longe de poder restituir a totalidade de vidas complexas. Como a expressão foi várias vezes pronunciada junto àqueles e àqueles que foram entrevistados, a equipe optou por *aceitar o que lhe foi dado* e não demover seus convidados, oferecendo-lhes grande margem de manobra na escolha em se engajarem ou não.

Assim, os relatos constituem-se muito diferentes de uma personalidade a outra. Contudo, é bem perceptível uma certa coerência entre os relatos coletados, provavelmente porque ela é indispensável para o entrevistado que necessariamente *reconstrói* as cronologias, articula os fatos, busca e encontra as mediações. Assim, o entrevistado seleciona os acontecimentos, deixa transparecer uma lógica sob o plano retrospectivo, menciona os colegas, as influências e, fazendo isso, torna visível a estrutura de uma rede intelectual. A equipe observa ao vivo esse trabalho de memória, essa empreitada de rememoração, frequentemente bem preparada pelos nossos convidados, que sempre têm algo mais a dizer, esforçando-se em oferecer um relato completo e que reflita sua personalidade de pesquisador.

Tais limites confirmam a ambiguidade do relato biográfico ou autobiográfico, como Pierre Bourdieu colocou:

Provavelmente estamos no direito de supor que o relato autobiográfico se inspira sempre, ao menos em parte, na preocupação de dar sentido, explicar o porquê, extrair lógicas simultaneamente retrospectivas e prospectivas, consisten-

te e constante, estabelecendo relações inteligíveis, como a de efeito à causa eficaz ou final, entre os estados sucessivos, constituídos, desse modo, em etapas de um desenvolvimento necessário (Bourdieu 1986, 69).

O julgamento parece, no entanto, severo. O sociólogo subestima o fato de que, justapondo os testemunhos e os relacionando uns com os outros, estes se iluminam coletivamente sob um novo prisma. Nesse sentido, não é somente a trajetória pessoal de um possuído que é esclarecedora, mas o acúmulo de testemunhos relacionados a uma mesma época e região, Quebec e Canadá. Como cada entrevistado sabe perfeitamente que não está sozinho a fornecer suas memórias e que tem acesso às narrativas de seus colegas via site da revista na Internet, presume-se que ele meça bem o que relata, no que diz respeito ao conteúdo e à forma. Se, então, o relato de vida comporta uma boa parte de ficção e reconstrução artificial, acreditamos, como outrora apontou Paul Ricoeur (1983), que ele oferece também uma reprodução fiel das ações, sendo igualmente um dos melhores dispositivos para os pesquisadores de ciências sociais.

Finalmente, as narrativas de *Os Possuídos* permitem combinar história social e intelectual, individual e coletiva. O espectador-ouvinte apreende como cada entrevistado constrói sua identidade narrativa, agencia a temporalidade e reconstitui as cadeias casuais e de significação. É preciso, pois, não esquecer que essas narrativas devem ser escutadas junto aos numerosos textos que esses professores deixam para a posterioridade.

## 9 CONCLUSÃO

Conhecidos como experts da história de vida, os antropólogos, os sociólogos e os historiadores esquecem que dispõem, eles mesmos, de relatos também apaixonantes para compartilhar.

Inverter os papéis e, para parafrasear George Stocking,<sup>42</sup> transformar o usual observador em observado torna-se uma empreitada fascinante e rica, visto que permite atualizar inúmeros detalhes que de outra forma seriam esquecidos por completo e que não têm sido registrados com muita frequência nos artigos científicos ou nos livros.

Correndo o risco de exagerar, o trabalho coletivo se assemelha, por vezes, ao da maiêutica, já que visa propiciar uma narração. Tal tarefa implica bastante humildade, dado que, se os participantes raramente tomam a dianteira, dedicando-se antes de tudo a oferecer uma miríade de detalhes contextuais que permitam compreender suas trajetórias, sua infância e

---

42. Ver George W. Stocking, *Observers observed: Essays on Ethnographic Fieldwork* (1984).

vocação, as circunstâncias de suas buscas, quem ouve entende rapidamente que está diante de personalidades fascinantes e engajadas. Suas trajetórias respectivas se iniciam frequentemente de forma bem fácil, graças às rápidas contratações nas instituições abertas pelos departamentos; mas os caminhos são posteriormente acidentados, exigindo destes múltiplas adaptações, paciência e, sobretudo, uma grande determinação.

Os relatos fornecidos revelam personalidades e identidades muito distintas, saberes e especializações muito variados. Um ponto em comum, no entanto, emerge: a paixão pelo trabalho de campo e pesquisa, elementos que não são propriamente dos antropólogos, mas que talvez aqui se manifestem mais que alhures. Recorrer à noção de *possuído* exprime bem esse comprometimento, vidas fascinantes e apaixonantes, vividas pelos antropólogos e seus colegas, cujas experiências se espraiam pelos cinco continentes. Os *possuídos* são, portanto, mais do que um título, é uma referência às pesquisas de campo que realizaram, aos objetos de pesquisa que estudaram e que ainda residem neles, mas também às experiências que relatam entusiasmados, transmitindo àqueles e àquelas que os escutam o gosto pelos outros.

Os participantes dessa enorme tribo de antropólogos compartilham uma paixão inabalável pela troca, retomando uma expressão de Serge Genest (1985). Tendo circulado e trabalhado em diferentes contextos socioculturais, vivido com povos de características distintas, trabalhado sob múltiplas temáticas, debatido longamente com outros colegas sobre questões teóricas ou metodológicas, grande parte continua visivelmente ligada a esses outros mundos, sejam longínquos ou muito próximos.

**tradução**

Hamilton Fernandes

**revisão técnica**

Paula Morgado

**texto recebido**

21.04.2016

**texto aprovado**

06.09.2016

E assim que a câmera começa a filmar, ela atua, como para Rouch, como catalisadora. A magia acontece. As narrativas coletadas nos projetam nos universos onde os *Possuídos* se dirigem e se revelam àqueles e àquelas que os escutam, apesar do que dizem ou do que será dito. Desse modo, eles deixam na tela uma parte de si mesmos, de seus caminhos e de suas vozes singulares, imprimindo a riqueza de uma coleção necessariamente incompleta.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Avezou, Laurent. La biographie. Mise au point méthodologique et historiographique. *Hypothèses* 1, 4 : 13-24.

Bertaux, Daniel. *Les récits de vie*. Paris : Nathan Université, 2003.

\_\_\_\_\_. *Histoires de vie ou récits de pratique ?* Méthodologie de l'approche biographique en sociologie. Paris, C.O.R.D.E.S., 1976.

- Bloch, M. *Mémoire autobiographique et mémoire historique du passé éloigné*. Enquête, biographie et cycle de vie, 2, 59-76, 1995, En ligne: <<http://enquete.revues.org/document309.html>>.
- Bourdieu, Pierre. L'illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 62-63, juin : 69-72.
- Burridge, Kennelm. An Ethnology of Canadian Ethnology. In: Manning, F. (ed.). *Consciousness and Inquiry: Ethnology and Canadian Realities*, Ottawa, Canadian Ethnology Service paper, no 89<sup>E</sup>, Mercury Series, Ottawa, National Museum of Man: 306-320.
- Cole, Sally (ed.). *Special issue of anthropologica on reflections on anthropology on Canadá*, 42, 2, 2000.
- Connor, Desmond ; James E. Curtis. *Sociology and anthropology in Canadá: some characteristics of its disciplinas and their current university programs*. Montreal, Casca, 1970.
- Copans, Jean. Le métier d'anthropologue. *L'Homme*, tome 7, 4: 84-91, 1967.
- Cruikshank, Julie. *Life lived like a story: Life Stories of Three Yukon Native Elders*. Vancouver: University of British Columbia Press, 1990.
- Darnell, Regna. Changing patterns of ethnography in canadian anthropology: a comparison of themes. *Canadian Review of Sociology and Anthropology* 34(3): 269-296.
- \_\_\_\_\_. Toward a history of canadian departments of anthropology: retrospect, prospect, and common cause. *Anthropologica* 40(1) : 153-168.
- \_\_\_\_\_. Canadian anthropologists, the first nations and Canadá's self image at the millenium *Anthropologica* 42(2) : 165-174.
- Darnell, Regna; Harrison, Julia (eds.). *Historicizing anadian anthropology*. Vancouver: University of British Columbia Press, 2006.
- Delory-Momberger, C. *Histoire de vie et recherche biographique en éducation*. Paris : Economica, 2005.
- Département de Sociologie de L'Université Laval. *Sociologie et sociologues québécois*. Entretiens. 34 pages, 1981.
- Descamps, Florence. De la patrimonialisation de la parole à la patrimonialisation de la mémoire. Mémoires institutionnelles mémoires de corps. Le cas des archives orales du corps préfectoral en France. In: Hiraux, Françoise.(éd.). *Les archives audiovisuelles*. Politiques et pratiques dans la société de l'information, Louvain-la-Neuve, Academia Bruylant: 51- 68.

- De Villers, Guy. L'approche autobiographique : regards anthropologique et épistémologique, et orientations méthodologiques. Récit d'un itinéraire. *Recherches sociologiques et anthropologiques*, 42, 1: 25-42.
- Freedman, Jim. *The history of canadian anthropology*. Canadian Ethnology Society Proceedings n° 3. Ottawa: National Museums of Man, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Applied anthropology in Canadá*. Canadian Ethnology Society Proceedings n° 4. Ottawa: National Museums of Man, 1977.
- Genest, Serge (dir.). *La passion de l'échange: terrains d'anthropologues du Québec*. Montréal: Gaëtan Morin, Éditeur, 1985.
- Ginzburg, Carlo. *Le fromage et les vers: l'univers d'un meunier au XVI<sup>e</sup> siècle*. Paris, Flammarion, 1988.
- Goffman, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne*. 1, La présentation de soi. Paris, Editions de Minuit, 1973 [1956].
- Goody, Jack. Curiosités d'anthropologue. Entretien avec Jack Goody. *Politix*, vol. 9, 34 : 204-221.
- Hiroux, Françoise. *La question autobiographique dans les archives universitaires*. Examen de quelques pratiques à l'Université de Louvain. Manuscrit, 2004.
- Harriess-Jones, Peter. Introduction. Canadian anthropology in an international context. *Canadian Review of Sociology and Anthropology*, 34(3) : 249-267.
- Kaufmann, Jean-Claude. *L'invention de soi: une théorie de l'identité*. Paris: Nathan Université, 2004.
- Kilani, Mondher. L'anthropologie de terrain et le terrain de l'anthropologie. Observation, description et textualisation en anthropologie. *Réseaux*, vol. 5, no 27: 39-78, 1987.
- Lainé, A. *Faire de sa vie une histoire: théories et pratiques de l'histoire de vie en formation*. Paris : Desclée de Brouwer, 2007.
- Leahey, J. ; Yelle, C. (éds). *Histoires de liens, histoires de vie*. Lier, délier, relier. Paris : L'Harmattan, 2003.
- Le Goff, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui ? *Le Débat*, 54 (1989), p. 48-53.
- Le Grand, J.-L. Définir les histoires de vie. *Revue internationale de psychosociologie*, VI (14), 29-46.

- Legrand, M. 2004. L'histoire de vie entre sens et non-sens. *Horizons philosophiques*, 15(1), 1-15.
- Levi, Giovanni. Les usages de la biographie. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, no 6, 44<sup>e</sup> année : 1325-1336.
- Lévi-Strauss, Claude. Retour en arrière. *Les Temps Modernes*, no 598 : 66-77.
- Levi, Joseph. *Entre les corps et les Dieux*. Itinéraires anthropologiques. Entretiens avec Jean Benoist. Montréal: Les Éditions Liber, 2000.
- Macfarlane, Alan. Anthropological and other 'Ancestors': Notes on setting up a visual archive. *Anthropology Today*, December.
- Mcfeast, Tom. Three hundred years of anthropology in Canadá. *Occasional Paper in Anthropology n° 7*. Halifax, Saint-Mary's University.
- Nattiez, Jean-Jacques. *La musique, la recherche et la vie*. Montréal, Leméac, 1999.
- Passeron, Jean-Claude. Biographies, flux, itinéraires, trajectoires. *Revue française de sociologie*, 31/1, janvier-mars : 3-22.
- Peneff, Jean. *La méthode biographique*. De l'École de Chicago à l'histoire orale. Paris, Colin, 1990.
- \_\_\_\_\_. Les grandes tendances de l'usage des biographies dans la sociologie française. *Politix*, 27; 25-31.
- Pineau, G. ; Le Grand, J.-L. *Les histoires de vie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.
- Pires, Alvaro P. Analyse causale et récit de vie. *Anthropologie et Sociétés*, vol. 13, 3: 37-57.
- Ricoeur, Paul. *Temps et récit*. L'intrigue et le récit historique. Tome 1. Paris: Le Seuil, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Temps et récit*. Le temps raconté. Tome 2. Paris: Le Seuil, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Soi-même comme un autre*. L'ordre philosophique. Paris: Le Seuil, 1990.
- Stocking, George W. *Observers Observed: essays on ethnographic fieldwork*. University of Wisconsin Press, 1984.
- Trudel, François (dir.). Mémoires du Nord. *Numéro spécial de la revue Anthropologie et Sociétés*, 26, 2-3.



### **FRÉDÉRIC LAUGRAND**

Professor da Universidade de Laval (Quebec, Canadá), coordenador do curso de antropologia visual neste departamento e diretor da revista “Anthropologie et Sociétés”. Sua pesquisa aborda as cosmologias inuit e ameríndias, como as tradições de muitos grupos indígenas das Filipinas (Mangyan, Ibaloi e B’laan). Publicou vários livros com Jarich Oosten, incluindo “Hunters, Predators and Prey. Inuit Perceptions of Animals” (Berghahn Books, 2014).

### **EMMANUEL LUCE**

Fotógrafo, oceanógrafo e doutorando em antropologia na Université Laval (Quebec). Produziu várias exposições fotográficas, incluindo Caranguejo Inc. (<https://www.youtube.com/watch?v=9cFOR6Z3KYI>), um filme sobre a pesca dos Innu de Saint-Laurent (Quebec, Canadá). Sua tese é intitulada “As caçadas contemporâneas à “la baleine boréale” entre os Inuit do Arctico do leste canadense: revitalização, etnografia e representações”.

### **ANTHONY MELANSON**

Anthony Melanson é mestranda em antropologia na Universidade Laval (Qc, Canadá), especialista em som e comunicação digital. Ela investiga a relação entre seres humanos e animais no Quebec e na Província de Quebec. Sua dissertação de mestrado intitula-se “Le temps des sucres québécois : une tradition « cochon »”.